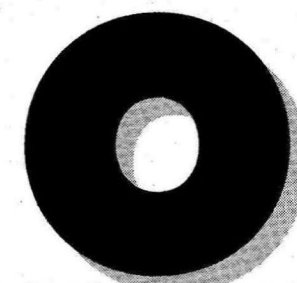




Homenagem aos que enlouquecem para fazer cinema

LOUCO POR CINEMA

(Brasil, 1994). De André Luiz Oliveira. Com Nuno Leal Maia, Denise Bandeira, Roberto Bonfim e Noemi Marinho. Fotografia de Antônio Luiz Soares. Cenografia de Luiz Augusto Jungmann.



fazer cinema recebe uma homenagem de alguém que esteve 20 anos afastado da atividade. **Louco por Cinema**, terceiro longa de André Luiz Oliveira, não só presta essa homenagem aos que enlouquecem para fazer cinema (ou fazendo cinema), mas também lança um olhar sobre um tema central do seu filme de estréia, **Meteorango Kid**, o **Herói Intergalático** (1969): os deserdados pela sociedade. No caso, o louco do título, Lula, interpretado por Nuno Leal Maia. Desde **A Lenda de Ubirajara** (1974), adaptação do romance de José de Alencar, André Luiz não fez longas. Trabalhou dirigindo comerciais e explorando seu lado músico.

"Os que permaneceram fazendo cinema sentiram-se perplexos com as dificuldades para continuar na área", diz o diretor. O que o trouxe de volta à atividade depois de tanto tempo afastado? "O cinema veio como consequência natural da minha vivência nos últimos 20 anos", postula. "Eu poderia escrever um livro ou uma peça, mas o cinema me ocorre com maior naturalidade".

Em **Louco por Cinema** Lula (Nuno Leal Maia) leva duas décadas incorporando a personalidade de Eugênio, um cineasta que morreu de overdose durante as filmagens de **O Caminho da Serpente**. Uma comissão de direitos humanos que vai ao manicômio onde está Lula é sequestrado, e as exigências são no sentido de trocar as pessoas da comissão por técnicos da antiga equipe de **O Caminho da Serpente** — o filme dentro do filme. Quem vai articular isso é a doutora Vera (Denise Bandeira), responsável por induzir Lula de volta à sua identidade.

Para se ter uma idéia do estado de penúria em que vinha o cinema brasileiro, um ator como Roberto Bonfim, que no filme inter-

preta o doutor Angelo Wandrake, ex-produtor de cinema na década de 60 e um atual advogado de porta de cadeia, ficou seis anos sem filmar. "Não importa o tamanho do papel, o importante é estar fazendo cinema. Sou louco por cinema", disse durante as filmagens em Brasília. A cidade, escolhida para as locações, tem um atrativo especial para o diretor. "Todas as vezes que eu acabei um filme, era época do Festival de Brasília. **Meteorango** e **Ubirajara** concorreram. O mesmo acontece agora. Sinto isso como uma sincronicidade com a terra, o planalto, a arquitetura, o estilo da cidade. É uma atração mágica", comenta André Luiz.

Previsto para custar 700 mil dólares, **Louco por Cinema** estourou o orçamento em 100 mil, dinheiro que talvez se consiga levantar "com a venda antecipada dos direitos para a distribuidora ou para alguma rede de televisão", diz o produtor executivo do filme, Márcio Curi, que trabalhou como diretor de produção e montador de **Meteorango Kid**, filme que tem como um dos mais significativos de que participou.

André Luiz não consegue compreender os critérios do Prêmio Resgate, instituído pelo MinC, que não incluiu seu filme entre os selecionados. Segundo seus princípios, a hierarquia em financiamentos desse tipo deveria ser para filmes que estão sendo rodados, em primeira instância, e filmes em acabamento, o que era o caso exclusivo de **Louco por Cinema**. "Foi uma omissão, no mínimo", comenta ele. "Isso reflete no resultado final, aparece no fotograma, não é possível esconder". Mesmo com essas dificuldades bem conhecidas mesmo por quem não faz cinema, o diretor de **Louco por Cinema** está satisfeito com o resultado. Em sua avaliação, **Meteorango** era um filme mais ousado, enquanto **Ubirajara** era mais estilista. "Esse filme agora é mais completo, porque incorpora a ousadia de um e o estilo atrevido de outro. É um filme mais profundo, com um maior grau de reflexão".

CURTAS

O Amor Materno (1994) —

Direção: Fernando Bonassi.

Fotografia de Ralph Strelow. Com Julia Lemmerts e Walderez de Barros.

Gramado — Três Décadas de Cinema (1993/94) — Direção:

David Quintans. Fotografia de Cezar Elias, Antonio Oliveira e Alexandre Ostrowski. Com Hugo Carvana, André Klotzel, Esdras Rubin e outros.

aborto é tema central do curta **O Amor Materno**, cartaz da quarta noite do Festival de Brasília. Duas mulheres, mãe e filha operárias, discutem a possibilidade do aborto, compondo um perfil do universo de abandono e falta de perspectiva destas personagens no Brasil urbano e industrial dos anos 90.

O Amor Materno é o terceiro curta do cineasta Fernando Bonassi (autor de **Os Circuitos do Olhar**, 1984, e **Faça Você Mesmo**, (1991), roteirista de vários filmes de curta e longa-metragem e de programas de tevê como **Castelo Rá Tin Bum** e **Mundo da Lua**. Neste **O Amor Materno**, Bonassi experimenta contar a história em apenas 12 planos sequência. No elenco, Julia Lemmertz e Walderez de Barros.

Gramado — Três Décadas de Cinema é o segundo curta da noite de sábado e

mostra a trajetória do Festival nos últimos 21 anos, através de cenas de diversos filmes e depoimentos de autoridades, cineastas e todos os que, de alguma forma, participaram do evento. Produzido em 1993 e 1994, leva a assinatura de David Quintans, com texto de Antonio Carlos Fontoura.

O desfile de estrelas dos últimos 20 anos de cinema brasileiro, as discussões acaloradas, os temas que preencheram os debates estão presentes neste curta que recupera a história do mais glamoroso dos festivais nacionais. Pela tela desfilam Hugo Carvana, André Klotzel, Esdras Rubin, Enoir Zorzanello, Sergio Sanz, Nelson Hoineff, Giba Assis Brasil e muitos outros.